

A TV Globo e a escassa representatividade negra feminina nos seus telejornais¹

Maryjane COSTA²

Marcelo LIMA³

Thayane dos Santos MOREIRA⁴

Zulmira Silva Nóbrega⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

A falta de representatividade da mulher e da população negra é um problema complexo vinculado ao preconceito e ainda muito presente em nosso país. Muitas das instituições brasileiras ainda carecem de representantes negros. O presente artigo, assim, pretende analisar a falta da representatividade negra feminina na principal emissora de televisão do Brasil, a Rede Globo. Realizamos um levantamento sobre a presença de mulheres negras no telejornalismo da Globo e estudamos o caso particular da jornalista Maria Júlia Coutinho, que entrou para o Jornal Nacional num contexto de perda de audiência do noticiário e foi alvo de preconceito por parte do público. Procuramos, então, entender como a falta de representatividade da Rede Globo se constrói e como ele talha as vozes da população negra, ainda hoje tão extremamente silenciadas.

Palavras-chave: Representatividade negra feminina; Rede Globo; Jornal Nacional; telejornalismo.

1 Introdução

Mesmo nos dias atuais, quando sentamos à frente da TV para assistir aos telejornais diários tudo o que podemos ver são, na maior parte das vezes, homens brancos compondo o cenário noticioso, sendo como repórteres ou apresentadores. Em um país onde a população é composta majoritariamente por mulheres, pretos e pardos, onde está essa representatividade quando se trata do telejornalismo? Delimitando a pesquisa, resolvemos analisar esse fato nos telejornais da Rede Globo, principal emissora do país.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: maryjanecosta20@gmail.com

³ 2 Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ex-bolsista PIBIC do Grupo de Pesquisa sobre Ficção e Produção de Sentido. Email: marcelo_lf02@hotmail.com.

⁴ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: thayanemore@yahoo.com.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Departamento de Comunicação da UFPB, email: zulmiranobrega@uol.com.br

2 Glória Maria e a representatividade negra feminina

Nascida no Rio de Janeiro, a jornalista Glória Maria Matta da Silva é a pessoa que vem a mente quando falamos de jornalistas negras. Na Globo desde o ano de 1971 -mesmo ficando afastada das telas por um curto período de sua vida no qual resolveu se dedicar a família -, Glória passou por todas as mudanças ocorridas na emissora. A repórter que ficou conhecida por seu jeito aventureiro e suas matérias sobre diferentes povos, culturas e lugares do mundo, apresentou o Fantástico entre os anos de 1998 e 2007 e passou a integrar a equipe do Globo Repórter em 2010, onde está até hoje - às vezes co-apresenta o telejornal.

Figura 1: Glória Maria no Fantástico (2006)



Fonte: Memória Globo

3 Zileide Silva: apresentadora “reserva”

Trabalhando na Rede Globo desde 1997, Zileide Silva começou como repórter em Brasília, na área de economia, mas logo passou a fazer também coberturas políticas. Foi como repórter especial e correspondente do Jornal Nacional e do Globo Repórter que a

jornalista teve sua carreira consolidada, chegando a participar de coberturas importantes como a dos atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001 e eleições presidenciais, tanto nos Estados Unidos como no Brasil.

A experiência de Zileide Silva à frente dos telejornais, como apresentadora, começou na GloboNews, no programa Espaço Aberto e no Jornal das Dez.

Com o passar dos anos, a jornalista passou a apresentar o Bom Dia Brasil cobrindo, na época, as férias da apresentadora Cláudia Bomtempo. Logo depois, no ano de 2007, passou a apresentar, aos sábados, o Jornal Hoje. Em 2009, foi efetivada como apresentadora do jornal matutino no bloco gerado em Brasília.

No ano de 2013, junto com o pacote de mudanças da emissora, a apresentadora deixou a bancada e continuou apenas como repórter.

Figura 2: Zileide Silva na apresentação do Jornal Hoje



Fonte: Reprodução/TV Globo

4 O elemento “Maju”: exceção e interesses no caso de racismo no *Jornal Nacional*

Desde a inclusão da previsão do tempo no Jornal Nacional, em 1991, o quadro é feito em São Paulo e apresentado por mulheres que, ao lado de um mapa, informam o telespectador sobre temperaturas e mudanças climáticas nas regiões do país. A cada mudança de cenário ao longo dos anos, a arte exibida ou o espaço onde a “garota do tempo” ficava era alterado, ganhando um novo visual e, por vezes, uma nova apresentadora.

Com a reformulação do Jornal Nacional, a jornalista Michelle Loreto deixou o quadro e voltou para a reportagem da Rede Globo em São Paulo, sendo substituída por Maria Júlia Coutinho – primeira jornalista negra, deve-se ressaltar, a apresentar a previsão do tempo na Globo – que apresentava o mesmo quadro no telejornal Hora Um. A espontaneidade da jornalista e a linguagem coloquial adotada por ela caíram como uma luva a um novo formato do Jornal Nacional, que buscava maior interatividade e aproximação com o público. Dessa forma a previsão passou a ser ao vivo, porém ainda em um segundo estúdio que, devido ao novo telão inserido no cenário, aparenta que a apresentadora da previsão está no mesmo espaço dos outros apresentadores (ver Figura 1). Devemos considerar, então a questão: até que ponto a inclusão da jornalista foi influenciada apenas por sua simpatia e popularidade? Deve-se considerar sua entrada no Jornal Nacional como um elemento de diversificação de vozes, de representatividade efetiva? Precisamos, para tanto, entender de que forma Maju tornou-se útil ao novo formato do Jornal Nacional, adotado após quedas consecutivas de audiência.

Figura 3- Momento em que o estúdio da previsão do tempo aparece.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Nas edições do quadro analisadas, observamos que a nova garota do tempo, inicia seu discurso falando “oi” para o apresentador que faz a introdução do quadro, ao invés do formal “boa noite”, além de ter mais tempo que suas antecessoras, chegando a ficar quase 4 minutos no ar. Maria Júlia também mantém uma conversa de colegas com os apresentadores enquanto informa a previsão. Na edição do dia 12 de maio de 2015, William Bonner encerrou o quadro perguntando a Maria Júlia Coutinho, como ela preferia ser chamada e passou a chamá-la por Maju.

William Bonner: – Maria Júlia, só pra terminar, o que é que você prefere: Maria Júlia ou Maju, como você se intitula nas redes sociais?

Maria Júlia Coutinho: – Ah! Eu prefiro Maju. (em tom envergonhado)

William Bonner: – Então tá bom. Renata, a partir de hoje, Maria Júlia Coutinho será também Maju.

Maria Júlia Coutinho: (risos) – Ai, adorei!

O diálogo exposto acima transmite informalidade ao telespectador e mostra a intimidade entre Bonner e Maju, quebrando a ideia de seriedade e rigidez do telejornal, fazendo com que a distância entre ele o telespectador diminua.

Outra característica nos discursos de Coutinho são os apelidos dado a algumas cidades brasileiras, Florianópolis é chamada apenas por “Floripa” e Belo Horizonte virou “BH”. Neste sentido, ela consegue chegar ainda mais próximo do telespectador não só das cidades apelidadas, mas também daqueles que simpatizam pelos jornalistas divertidos e despedidos de formalidade. Além disso, em alguns momentos, ela direciona a previsão para um grupo específico de pessoas, “pra quem gosta de surfar”, “esse friozinho veio só para aconchegar os namorados”. Esse recurso ajuda a prender a atenção do telespectador, que pode está distraído, mas ao ouvir determinada palavra, passa a prestar atenção.

Toda informalidade e carisma presentes nos textos de Maju estão aliados a uma linguagem corporal livre que complementa, através dos gestos, o que está sendo dito em palavras. Quase sempre sorrindo, a garota do tempo gesticula bastante as mãos enquanto explica um fenômeno ou informa uma temperatura. Ela busca sempre olhar para a câmera e conversar com o telespectador e, embora descreva o que está sendo mostrado no mapa que aparece no telão atrás, a apresentadora aponta poucas vezes para a tela, diferente do antigo formato da previsão do tempo, já conhecido pelo público.

Abaixo, podemos observar nas Figuras 2 e 3, extraídas das edições dos dias 12 de maio e 12 de junho de 2015, momentos em que a jornalista movimentou as mãos para completar o que dizia e quebrou os quadris, perdendo a postura ereta, considerada formal, e assumiu uma postura descontraída.

Figura 4-Maju gesticula as mãos enquanto apresenta o quadro.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Figura 5-Maju quebra o quadril e perde a postura ereta.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

5 O preconceito em pleno século 21

A repercussão de sua participação no Jornal Nacional e a simpatia do público por Maju pode ser constatada quando milhares de pessoas manifestarem apoio e solidariedade a jornalista, após ela sofrer uma série de comentários racistas na página do Jornal Nacional no *Facebook*, em 3 de julho. Nas redes sociais, pessoas famosas e anônimas usaram a expressão “Somos Todos Maju” como forma de defesa e apoio. No *Twitter*, a *hashtag* com a expressão se tornou um dos assuntos mais comentados do dia.

No mesmo dia, o assunto foi noticiado pelo Jornal Nacional após o quadro apresentado pela jornalista, William Bonner iniciou falando sobre a manifestação de apoio através da expressão “Somos Todos Maju” e explicando o que tinha acontecido. Logo depois, Renata Vasconcellos informou que o Ministério Público do Rio de Janeiro e o de São Paulo iriam investigar o caso, tendo em vista que racismo é crime. Em seguida, Bonner pediu para que Maria Júlia Coutinho deixasse uma mensagem para o público:

Maria Júlia Coutinho: –Estava todo mundo preocupado. Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores, mas na verdade é o seguinte, gente: eu já lido com essa questão do preconceito desde que eu me entendo por gente. (...) Eu sei dos meus direitos. Acho importante, claro, essas medidas legais serem tomadas, até para evitar novos ataques a

mim e a outras pessoas. Eu acredito que isso é muito importante. E agora eu quero manifestar a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso. Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails, de mensagens. Acho que isso que é o mais importante. (...) E, pra finalizar, Bonner e Renata, é o seguinte: os preconceituosos ladram, mas a caravana passa. É isso.

Abordar um assunto diretamente ligado a uma jornalista da casa não faz parte da linha de jornalismo da Rede Globo, por isso, noticiar o que aconteceu com Maju e ainda ceder espaço para que ela responda publicamente no Jornal Nacional – mais antigo e tradicional da emissora – faz com que os telespectadores negros e os que ficaram indignados com o fato se sintam representados, criando uma identificação. Observa-se, assim, que Maria Júlia Coutinho e sua simpatia ajudaram de forma significativa o Jornal Nacional, a conquistar a aceitação do público de maneira mais rápida, em relação as inovações propostas pelo telejornal.

Dessa forma, é inegável que a inclusão de Maju provocou discussões pertinentes ao racismo e à falta de representatividade na mídia brasileira. O que nos parece problemático, entretanto, é como isso ainda se configura como uma exceção no jornalismo da Globo: permanecem jornalistas brancos em posição de maior destaque. Cabe-nos questionar, também, até que ponto a própria Globo tem sua parcela de contribuição na onda de racismo contra a jornalista; na medida que os âncoras da emissora são, como vimos, em sua maioria brancos, a emissora reforça a exclusão de negros e sua condição de secundários, de exceções.

Isso posto, procuraremos entender, agora, o processo pelo qual essa falta de representatividade se dá na Rede Globo e, por extensão, à mídia brasileira em geral.

6 Naturalização da dominância: a voz única do Jornalismo da Globo

De que forma explica-se essa falta de representatividade no jornalismo da principal emissora do país? O assunto do racismo no Brasil é complexo e objeto de diversos estudos; por questões de recorte temático, nos ateremos a tentar compreender como o racismo e a falta de representatividade, presente em tantas camadas da sociedade brasileira, é problema intrínseco também ao jornalismo da maior emissora do país.

Um dos *locus* sociais nos quais a falta de diversidade se faz mais notável, como já falamos, é na mídia. Também já vimos que a maior parte dos apresentadores de telejornais da Rede Globo são brancos – apresentadores negros, quando presentes, são utilizados na

maior parte das vezes como “reservas” na impossibilidade de apresentação dos apresentadores de praxe ou ficam relegados às edições do fim de semana (como acontece com a já citada Zileide Silva). O caso de Maju é o emblemático dessa situação. Torna-se inegável o fato que uma “elevada predominância de uma etnia em relação às demais caracteriza um aspecto nômico da sociedade brasileira” (ACEVEDO; TRINDADE, 2011, pág. 21).

A Teoria da Figuração Estabelecidos e *Outsiders* pode ajudar a entender esse cenário que se monta no telejornalismo da Rede Globo. Elaborada por Norbert Elias e John Scotson, a teoria foi desenvolvida a partir da análise da comunidade de Winston Parva (o nome é fictício), no interior da Inglaterra. A comunidade era formada por três bairros; um núcleo central mais antigo e dois aglomerados populacionais mais recentes. Elias e Scotson perceberam que a população mais antiga se enxerga como um grupo

de pessoas ‘melhores, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. [...] Os indivíduos ‘superiores’ podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores (ELIAS; SCOTSON; 2000).

Essa noção de superioridade da comunidade mais antiga baseava-se apenas no tempo de moradia no local; ou seja, a comunidade sentia-se superior por estar ali por mais tempo representada, por sua voz estar há mais tempo presente e ser, portanto, hegemônica. Assim, tanto os membros da comunidade central quanto os moradores dos bairros mais recentes assumiram como natural a hierarquização dos bairros.

Do mesmo modo, a grande massa de espectadores toma como *natural* o fato de que tenhamos uma quantidade tão pequena de jornalistas negros na maior emissora do país. Desenvolvendo o conceito de naturalização, Terry Eagleton afirma que

suas crenças naturais e auto-evidentes – fazendo-as identificar de tal modo com o ‘senso comum’ de uma sociedade que ninguém sequer imaginaria como poderiam chegar a ser diferentes. [...] A naturalização é parte da investida *desistorizante* da ideologia, sua negação tácita de que as ideias e crenças sejam específicas de uma determinada época, lugar e grupo social” (1997, pág. 62).

Ou seja, na comunidade de Winston Parva, *tornou-se natural* a submissão das comunidades mais recentes ao grupo de moradores mais antigos. Da mesma forma que, em

nossa sociedade, o natural é o homem masculinizado; a mulher submissa; o negro em empregos de menor prestígio social. E a mídia, naturalmente, reflete a sociedade que a cerca (ou vice-versa?): é natural, como vimos ao longo de décadas, a formação de um *star system* jornalístico na Rede Globo composto por homens brancos: Cid Moreira, Zeca Camargo, William Bonner, Evaristo Costa – são todos representantes de um processo de naturalização do branco. É preciso considerar que “a sociedade *age e produz* não só com os meios de comunicação, ao desenvolvê-los e atribuir-lhes sentidos e processos, mas sobre os seus produtos, redirecionando-os e atribuindo-os sentido social” (BRAGA, 2006, pág. 22).

Assim, o espectador do telejornalismo da Globo é exposto a uma grade de jornalistas brancos em sua maioria; aqui, há o reforço da ideologia do homem branco como detentor da verdade, como transmissor confiável da informação, jornalista por excelência. Não há o questionamento do *porque* dessa presença maciça de jornalistas brancos;

somos obrigados a ficar na superfície de uma identidade, impedidos, pela própria sentimentalidade, de penetrar nessa zona posterior dos comportamentos nos quais a alienação histórica introduz essas ‘diferenças’ que aqui serão denominadas simplesmente ‘injustiças’ (BARTHES, 2009, pág. 176)

Nesse contexto, é relevante destacar ainda que os produtos informativos oferecidos pela mídia – no nosso caso, pela Rede Globo – não são imparciais (mito há muito destruído no Jornalismo), desprovidos de sentidos e intenções; ao contrário, são informações pensadas na tentativa de construir opiniões, de produzir sentido, de formular determinadas ideias (BRAGA, 2006). Desta forma, esses produtos “chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. *Se não circulassem, não estariam ‘na cultura’*” (BRAGA, 2006, pág. 27).

Considerando isso, podemos afirmar que o telejornalismo da Globo se caracteriza por ser estritamente *monofônico*, fechado ao diálogo e a vozes destoantes. O conceito de polifonia foi formulado pelo filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin; segundo ele, um discurso é *polifônico* quando há uma “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis” (BAKHTIN, 2010, pág. 29) que o profere. O discurso polifônico reflete vozes que partem de diferentes atores, de diferentes locais sociais, vozes que promovem tensões, debates e, assim, levam ao desenvolvimento e ao aprendizado. Ora, onde residiria a polifonia – conceito cuja aplicabilidade nos parece ao mesmo tempo desejável e distante ao

jornalismo atual – em um grupo de jornalistas predominantemente brancos? Exclui-se a voz do negro, seu papel é, se não negado, diminuído.

Assim, a noção de superioridade de um determinado grupo (homens brancos) construída ao longo do tempo, como o da comunidade Winston Parva, é naturalizada não apenas pelo grupo dominante, mas também pelos dominados; essa naturalização é transmitida e reforçada através dos telejornais da Rede Globo, configurando-se um discurso influente e monofônico que exclui de um dos setores de maior influência sobre a sociedade como um todo a voz da população negra, que tem sua participação negada em diversos outros *locus* sociais do país.

Referências

ACEVEDO, Claudia Rosa; TRINDADE, Luiz Valério de Paula. Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p.90-108, jan./jul. 2011. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Artigo6 Claudia Rosa Acevedo e Luiz Valerio de Paula Trindade - pp90-108.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Artigo6%20Claudia%20Rosa%20Acevedo%20e%20Luiz%20Valerio%20de%20Paula%20Trindade%20-%20pp90-108.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2016.

BAKHTIN, M. **Problemas na poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/110785421/Problemas-na-poetica-de-Dostoevski>>. Acesso em 25 mai. 2016.

BARTHES, R. A grande família dos homens. In: **Mitologias**, 4ª ed., pág. 175-178. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: Unesp, 1997.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MEMÓRIA GLOBO. Glória Maria. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/ gloria-maria/trajetoria.htm>>. Acesso em: 31 maio 2016

MEMÓRIA GLOBO. Zileide Silva. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/zileide-silva/trajetoria.htm>>. Acesso em: 31 maio 2016